

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Donos do olhar: imprensa, violência e relações de gênero no oeste paranaense

Tânia Regina Zimmermann¹

RESUMO: Nas décadas de 1960 a 1980 percebe-se na imprensa do Oeste do Paraná uma ênfase em enaltecer os municípios através da imagem de cidades progressistas, associadas ao caráter ordeiro, harmônico, pacífico e trabalhador de seus habitantes. O processo de ocupação, urbanização e de adensamento populacional contribuiu para o crescimento de tensões no cotidiano da cidade e nas áreas rurais. Tensões estas também presentes nas relações de gênero e que nos são percebidas em jornais, revistas, boletins de ocorrência e nos processos crimes que envolveram mulheres e homens nas suas tramas. Comportamentos vistos como desviantes da ordem instituída poderiam destruir a imagem das belas, ordeiras e civilizadas cidades do interior do Paraná. Para esta tarefa o judiciário, a imprensa e os grupos da elite encarregaram-se de elaborar e reproduzir via práticas discursivas às regras de convívio social.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, gênero, imprensa

ABSTRACT: In the 1960-1980 decade an emphasis in neglecter the cities through the image of progressive cities, associates to order, harmonic, pacific and diligent the character is perceived in the press of the West of the Paraná of its inhabitants. The occupation process, urbanization and of population contributed for the growth of tensions in the daily one of the city and the agricultural areas. Tensions these also gifts in the sort relations and that in they are perceived in periodicals, magazines, bulletins of occurrence and in the processes crimes that had involved women and men in its seen woof. To comprise as fault of the instituted order they could destroy the image of the beautiful, orders and civilized cities of the interior of the Paraná. For this task the judiciary one, the press and the groups of the discourse practical elite had been putted in charge to elaborate and to reproduce way to the rules of social conviviality.

KEYWORDS: Violence, gender, press

Em nosso cotidiano a violência assume uma dimensão cada vez maior e para tanto cabe também uma reflexão acerca das formas de violência que se tem desenvolvido nas relações de gênero. Esta violência tem incidido principalmente sobre as mulheres quer seja ela física (estupros, espancamentos e mortes) ou através de formas de violência simbólica (incapacidade política e civil, restrições da sexualidade). Ambas as violências convertem as diferenças de gênero em desigualdades.

¹ Professora do Curso de História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e doutoranda pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Na maioria dos registros quer seja de jornais, revistas e da historiografia local as mulheres são sombras do palco da história, mas com destaque principalmente para os desvios como práticas de feitiçaria, crimes e prostituição. Na prática de crimes por mulheres, a imprensa e a justiça frequentemente as teatralizam como descumpridoras de seus papéis familiares na relação com os homens. O desvio desta relação é marcado pela violência física e pela violência simbólica.²

As abordagens que incorporam análise do gênero têm revelado um universo de tensões e movimentos com a existência de confrontos, deixando aparecer um mundo no qual se multiplicam formas de diferenciação, de permanências e de mudanças (ELIAS, 1995: 12). Nesta perspectiva buscamos o pulsar na história no sentido de recuperar a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões da experiência.

Ao analisar o comportamento desviante de mulheres e homens Gilberto Velho entende que as transgressões penais não são atos isolados, mas são expressões de conflitos culturais entre mulheres, entre homens e mulheres, entre homens, entre etnias, entre grupos com visões de mundo distintas. A existência em qualquer grupo humano dos mais variados tipos de facções implica em permanente possibilidade de confrontos, a partir de tensões e divergências (VELHO, 1985 : 21).

Nas análises de Gregori, a violência exprime conflito problematizado na idéia de interesse em choque:

De um lado, o interesse do dominador: o desejo de mando e a montagem de um sistema que permita que ele se efetive e se perpetue. De outro, o interesse da mulher, que não é claramente definido, uma vez que as mulheres estão sujeitas a uma violência simbólica que anula a possibilidade de definirem o seu destino e interesses. (GREGORI, 1993:144)

Em recentes pesquisas percebemos que a realidade oestina esteve marcada pela nítida distinção entre os papéis masculinos e femininos e a imprensa reforçava via chavões e zombaria os exemplos contrário dos “bons comportamentos” . A este respeito lembra Carla Bassanezi:

Na família modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a

² Segundo Pierre Bourdieu, a violência simbólica é suave, invisível e dificilmente percebida pelas suas vítimas porque se reproduz no cotidiano através de gestos, sentimentos, linguagem e cria modos de ver o mundo cada vez mais homogeneizados através dos meios de comunicação de massa. In: *Le Monde Diplomatique*. Über die Vorherrschaft des Mannes für symbolische Gewalt. 1998, p. 16.

moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional (BASSANEZI, 2000: 508-9).

Como típicas cidades do interior paranaense que deveriam se estruturar nos moldes positivistas conservadores a harmonia social era o discurso dominante. No entanto, a vida em grupo não significa homogeneidade de condutas, de cultura e de valores. Os homens e mulheres do comércio, das propriedades rurais e do direito interferiam na vida dos cidadãos, nas suas relações, nos seus hábitos, na sua cultura e nos seus valores. Na pesquisa das fontes registrou-se inúmeros casos de crimes cometidos por mulheres muitas vezes conjuntamente com o “amante”.

Nas páginas dos crimes não houve uma diferenciação de posição social, de geração ou étnica das mulheres.³ O crime era estampado nas principais páginas e com manchetes na capa, normalmente acompanhado de fotos grandes com a criminosa e a vítima masculina. As explicações na imprensa geralmente são condicionantes como o ciúme e ganância da mulher, do amante e de parentes. O exemplo que segue ocorreu no distrito de Entre Rios do Oeste em abril de 1969. Na edição do jornal da Rádio Difusora consta que a esposa teria assassinado o marido com a colaboração de um empregado e que ambos tinham tentado envolver mais pessoas, especialmente parentes da assassina.⁴ Na Comarca de Marechal Cândido Rondon consta um processo de adulteração de receita médica por uma mulher grávida. A denúncia ocorreu em 1997 no interior do município. Na guerra de palavras entre a “declarante”, médico, farmacêutico e juristas a batalha finda na condenação da prática do aborto.⁵

Comportamentos vistos como desviantes da ordem instituída poderiam destruir a imagem das belas, ordeiras e civilizadas cidades do interior do Paraná. Para esta tarefa o judiciário, a imprensa e os grupos da elite encarregaram-se de elaborar e reproduzir via práticas discursivas às regras de convívio social. O crescimento da população citadina e rural despontava para novos valores e o confronto entre o velho e o novo o que pode ser percebido em inúmeros artigos como este de agressão violenta do marido:

Acredita-se que este deve ter havido motivos profundos para que E. agisse como agiu, de uma maneira tão violenta e bárbara. Há quem acredita que o motivo do crime tenha sido ciúmes de sua esposa. Pelo depoimento que deverá conceder hoje, certamente o véu de mistério será levantado e se tornará conhecimento dos motivos que levaram a destruição de um jovem casal que era conhecido pela vida

³ Revista Oeste, n. 40, agosto de 1989. Nesta edição destaca-se “O crime da vovó Otília”. É notável a expressão *velha* inúmeras vezes. Além da questão da idade, Otília é negra.

⁴ Rádio Difusora do Paraná, edição n. 682, 19 de abril de 1969.

⁵ Processo de número 13 de 1999 onde consta adulteração de receita médica. A *vítima* inclui na receita o medicamento abortivo Citotec.

*pacata e simples que levava.*⁶

Verifica-se em alguns discursos que a violência e o crime são legítimos para os homens valendo a defesa da honra ultrajada. Era uma prática comum, o marido punir a mulher adúltera com a morte. Alegando em muitos casos um estado completo de privações dos sentidos, esses homicidas eram em muitos casos absolvidos. Tal fato deve-se a influência exercida pela Escola Italiana de Lombroso e Ferrero, que isentavam de toda a responsabilidade penal, o indivíduo que cometesse um crime passional. O réu era visto como um “criminoso sócial”, ou seja, alguém que cometeu um crime impulsionado por “motivos úteis a sociedade”.⁷ Em um dos processos crimes analisados na Comarca de Marechal Cândido Rondon de 1988 aparece na instrução processual a legítima defesa da honra. Em outro caso divulgado pela Revista Oeste sobre o mesmo município consta que o juiz da vara criminal recorreu ao seguinte verso para condenar “sedutor” de uma menor:

*Com a devida licença, que a defesa me concede, o delito cá narrado, restou muito bem provado. A defesa paciência, seu protesto não procede! Virgem era LMB, 15 anos recatada. O namoro consentido, casamento prometido, doce e cheia meiguice, teve a vontade viciada.*⁸

Neste caso o trabalhador “sedutor” foi condenado a um ano de reclusão, mas foi beneficiado pelo “sursis” (suspensão condicional da pena) por ser réu primário. Nos versos reproduz-se a vitimização da mulher. Para Gregori, a vitimização é o pior caminho, seja para compreender esse conflito, seja para estimular mudanças nas relações entre os sexos (GREGORI, 1993: 143).

Importante análise nesse sentido encontramos em Sueann Calfield que confere historicidade à categoria de honra sexual, discutindo ao longo do processo histórico (Primeira República para a Era Vargas), as relações entre seus diversos significados para agentes sociais como juristas, oficiais da polícia, intelectuais, donas de casa, sedutores, namoradas, pais, filhos e mães solteiras, e sua função nos debates públicos sobre a modernização no Brasil. É assim que, a partir das mudanças nas relações de gênero ocorridas desde o início do século

⁶ Frente de Notícias v. 01 14/11/66 a 28/02/67.

⁷ Veja-se SOIHET, Rachel. *Formas de Violência, Relações de Gênero e Feminismo*. Conferência apresentada pela autora no III Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia em 24.09.2001 na UFF, Niterói, RJ. p. 2.

⁸ Revista Oeste. Sentença poética.n. 79, Fev. 1993, p. 3. Em 1995 institui-se os Juizados Especiais Criminais para tratar especificamente das infrações penais de menor potencial ofensivo, ou seja aquelas consideradas de menor gravidade, cuja pena máxima não seja superior a um ano. A aplicação dessa lei em casos de violência contra a mulher implica na naturalização e legitimação desse padrão de violência, reforçando a hierarquia entre homens e mulheres. Veja-se discussões de Carmen Hein de Campos. Juizados Especiais Criminais e seu Déficit Teórico. In: *Revista de Estudos Feministas*. V. 13, n.1, jan/jul, 2005.

XX, das quais a presença da mulher no mercado de trabalho é apenas a mais visível, a autora constrói uma narrativa convincente a cerca da centralidade da categoria de honra sexual para a compreensão do amplo processo de mudanças sociais, culturais e políticas. (CALFIELD, 2000)

O trabalho de Mariza Correa revela que o discurso não relacional das feministas, na tentativa de equilibrar a balança, trazia a mulher como vítima, dominada ou perseguida e no seu oposto estava o homem. Nesse sentido observa que agentes do sistema jurídico compartilhavam a visão feminista predominante sobre as mulheres no período como frágeis e vítimas da dominação masculina e para tanto tendiam a favorecê-las com penas mais leves e a absolvição no julgamento dos crimes passionais.⁹

Em um outro conflito nas relações de gênero a situação é vista como ridicularidade, pois se tratava de um acontecimento que envolvia um casal de condição social inferior.

O cidadão resolveu acertar certas dívidas com a sua cara metade. Brigou, xingou e para fazer valer a sua dignidade de homem e marido, tentou atingir sua esposa com uma tesoura. Mas como sempre acontece, os deixa disso estavam presentes e a tragédia terminou com o ator principal nas grades. Dizem que em mulher só se bate com uma flor, mas o cidadão acha que essa tese está errada, por isso resolveu mudar a ordem das coisas. Ênvez de deixar o uso da tesoura a sua cara metade, tentou ele recortar a vestido dela com conseqüências talvez mais graves.¹⁰

Este fato foi divulgado pela Rádio Difusora do município em 1967 ficando evidente que algo aparentemente inofensivo como os deboches configuram-se como forma de violência. Perpassa-se desta forma, como já foi exposto acima, representações com vistas a conservar o status quo, através do risível assegurando a continuidade com relação aos papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade. Segundo Rachel Soihet (SOIHET, 2001: 4) ,os discursos cômicos possuem grande força ideológica na reconstrução cotidiana dos mitos de inferioridade e domesticidade feminina. A produção desta subjetividade e de outras apontadas nas fontes revela algumas permanências controladas por dispositivos de poder e saber e que segundo Guatarri colocam as inovações técnicas, científicas e artísticas a serviço das mais retrógradas figuras da socialidade (GUATARRI, 1993 : 190-10).

⁹ CORREA, Mariza. Uma pequena voz pessoal. In: Cadernos Pagu, n. 11, 1998, p. 50. A autora refere-se a sua dissertação de mestrado publicada como *Morte em Família*. Graal, Rio de Janeiro, 1983.

¹⁰ Frente Ampla de Notícias, edição n. 33, 4 de janeiro de 1967.

Para Pierre Bourdieu¹¹, a violência simbólica é suave, insensível, invisível e que dificilmente é percebida pelas suas vítimas porque se reproduz no cotidiano através de gestos, sentimentos, emoções, linguagem, cor da pele e cria modos de ver o mundo cada vez mais nivelados e homogêneos por intermédio dos meios de comunicação de massa. A violência simbólica torna-se possível quando suas vítimas a aceitam através do conhecimento e principalmente desconhecimento, do reconhecimento e, em última instância, do sentimento. Estabelece-se uma correlação de forças na qual a maneira de ver o mundo é imposta e adquire estatuto de verdade (BOURDIEU, 1999: 7-11).

Por fim a categoria gênero pode ser útil no intercruzamento com as questões étnicas, geracionais, de violência, de classe, pois ser mulher, negra, índia, pobre implica em entender como as fronteiras articuladas a diferentes relações de poder são construídas socialmente e culturalmente. Assim tornar-se mulher na nossa sociedade implica em se ter conhecimento do que significa ser homem. A possibilidade de desconstrução desses significados talvez seja o melhor caminho para o encontro de personagens não esperados do palco da história.

BIBLIOGRAFIA

- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo : Contexto, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1999
- BOURDIEU, Pierre. Über die Vorherrschaft des Mannes: ein Musterbeispiel für symbolische Gewalt. In: *Le Monde Diplomatique*. August, 1998.
- CALFIELD, Sueann. *Em defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro 1918-1940*. Campinas : Ed; da UNICAMP, 2000.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica. In: *Cadernos Pagu*, n. 4, 1995.
- CORREA, Mariza. Uma pequena voz pessoal. In: *Cadernos Pagu*, n. 11, 1998, p. 50.
- ELIAS, Norbert. *Etablierte um Aussenseiter*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.
- GREGORI, Maria F. As Desventuras do Vitimismo. In: *Estudos Feministas*, n. 1, 1993.
- GUATARRI, Félix. Da produção de Subjetividade. In: PARENTE, André. (org.) *Imagem Máquina*. Rio de Janeiro : Ed 34, 1993.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. Über die Vorherrschaft des Mannes: ein Musterbeispiel für symbolische Gewalt. In: *Le Monde Diplomatique*. August, 1998, p. 16. Veja-se também CHARTIER, Roger. Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica. In: *Cadernos Pagu*, n. 4, 1995, p. 37-47.

SOIHET, Rachel. *Formas de Violência, Relações de Gênero e Feminismo*. Conferência apresentada pela autora no III Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia em 24.09.2001 na UFF, Niterói, RJ.

VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. RJ.: Jorge Zahar, 1985